

## RITUAL E DRAMATIZAÇÃO NAS INTERAÇÕES SOCIAIS DE JOGADORES DE FÚTEBOL EM CATEGORIAS DE BASE<sup>1</sup>

*Jorge Ventura de Moraes*  
*Glauber Lemos*  
*Túlio Velho Barret*

### **Introdução**

O objetivo deste artigo é analisar as interações sociais entre jogadores de categorias de base de dois dos principais clubes de futebol pernambucanos, o Sport Clube do Recife e Clube Náutico Capibaribe. Para tanto, observamos e entrevistamos garotos do infantil e juvenil, com idades entre 15 e 19 anos. Nossa análise está embasada na perspectiva da ritualização das interações sociais entre jogadores durante os procedimentos de formação de profissionais do esporte que resultam da dramatização dessas interações. Para tanto, como poderá se verificar a seguir, faremos uso de um instrumental teórico que tem como eixos principais os estudos acerca dos rituais realizados por Émile Durkheim (1964) e Erving Goffman (1963, 1967, 1969, 1971, 1996), com ênfase na ritualística das interações em diversas situações de socialização com as quais nos deparamos na vida cotidiana.

No Brasil, a carreira de jogador de futebol é almejada por jovens cujas motivações para tal empreendimento são as mais diversas. A possibilidade de ascensão social dentro de uma sociedade marcadamente hierárquica vem acompanhada do sonho de sucesso internacional como jogador, bem como o interesse em representar o país atuando pela seleção brasileira em uma Copa do

---

<sup>1</sup> As observações utilizadas neste trabalho foram realizadas durante as pesquisas do projeto *Aprendizes de Futebol: Flexibilidade e "Recriação" das Regras do Futebol por Jogadores de Base*, financiado pelo CNPq (Processo No. 400132/2008-7), do qual este trabalho surge como desdobramento. Uma versão em inglês se beneficiou da leitura crítica do Professor Anthony King, da Universidade de Exeter (Reino Unido), a quem agradecemos as sugestões que ajudaram a melhorar o texto.

Mundo de Futebol. No entanto, antes que quaisquer destes sonhos se concretizem, o jogador é submetido a um sem-número de experiências futebolísticas que lhe permitirão a sociabilidade dentro do grupo social relacionado ao futebol. Desde as tradicionais “peneiras” – procedimento realizado pelos clubes brasileiros para a prospecção de jovens aspirantes a jogador –, os garotos que têm o interesse em tornar-se um profissional do futebol são expostos a uma série de elementos simbólicos que serão introduzidos na vida do aspirante por meio de procedimentos ritualísticos aos quais ele passará a ser constantemente submetido durante treinos, jogos e diversas outras etapas de preparação.

Contudo, este trabalho analisa tais procedimentos a partir de uma perspectiva das interações face a face. Para tanto, dividimos nosso trabalho em cinco partes, além desta breve introdução. A primeira corresponde a uma breve síntese teórica entre o interacionismo simbólico de Erving Goffman e a sociologia dos rituais religiosos de Émile Durkheim. As segunda, terceira e quarta partes, por sua vez, se baseiam em observações empíricas realizadas no Náutico e Sport Recife. Como referência empírica, faremos uso de anotações realizadas ao longo de um ano (entre 2008 e 2009) de observações etnográficas. Essas observações correspondem a diversas etapas do processo de formação dos jogadores (seleção de jogadores, treinos, jogos etc). Prender-nos-emos, porém, a alguns aspectos que julgamos essenciais para compreender como, no âmbito do preparo dos garotos para a profissionalização, valores e normas diretamente associados ao *ethos* do jogador de futebol são trabalhados com os atletas observados, no sentido da composição de uma ordem moral característica do ambiente futebolístico. Por fim, o trabalho se encerra com uma sucinta conclusão que versa sobre os aspectos mais importantes enfatizados ao longo da análise do material empírico à luz das correntes teóricas introduzidas a seguir.

### **Ritualização Futebolística e Ordem Moral: Aspectos da Sociologia de Émile Durkheim e Erving Goffman**

Quando nos inserimos, como pesquisadores, em clubes de futebol brasileiros para a realização de uma pesquisa com jovens jogadores de categorias de base, não podemos deixar passar despercebidos aspectos valorativos integrantes do conjunto de elementos simbólicos parte da gama de valores e normas orientadores daqueles que compartilham do ambiente social criado em torno do futebol. Trata-se, pois, de uma série de aspectos que, embora se manifestem tanto interna quanto externamente ao campo de jogo, acabam por influenciar a formação dos jogadores e a maneira como eles percebem o jogo como uma atividade dotada de regras e de caráter competitivo.

Para tanto, nos servem os estudos acerca do papel exercido pelos rituais

religiosos nas sociedades tradicionais e modernas, que são de suma importância para a compreensão das possibilidades simbólicas do futebol, como já demonstrado em trabalhos anteriores (Cf. Birrell, 1981; Helal, 1997; King, 2008). Neste sentido, o trabalho realizado por Durkheim (1964) assume papel fundamental ao conceber o ritual como uma experiência de relevância social tanto quanto psicológica para os indivíduos (Collins, 2004; King, 2004).

Em *The Elementary Forms of the Religious Life*, por exemplo, Durkheim concebe um estudo com aquelas que ele considera “as mais primitivas e simples formas religiosas realmente conhecidas” (1964, p. 1). Com efeito, Durkheim opta por uma análise de observações de campo das religiões totêmicas dos aborígenes australianos a partir das quais ele busca um modelo para a compreensão das funções sociais específicas dos ritos face à ordem social em tais sociedades. São dois os elementos fulcrais destacados como comuns às manifestações religiosas, e enunciados por Durkheim: as crenças e os rituais.

Se, por um lado, de uma maneira geral, as crenças religiosas estabelecem as diferenças entre sagrado e profano por meio da enunciação de símbolos ou representações que se constituem em veículos carregados de significados dos quais os indivíduos compartilham, por outro, os rituais surgem como manifestações dinâmicas de um sistema de símbolos constituído por determinada crença. Em linhas gerais, crenças e rituais orbitam em torno de sistemas simbólicos caracterizados como “representações coletivas” mediadoras entre a ordem moral estabelecida e a ação individual, no sentido de constituir identidades comuns entre os indivíduos (Durkheim, 1964).

Para nossos propósitos, no entanto, é relevante compreender a importância dos rituais de maneira distanciada das manifestações religiosas, ou seja, adentrando o plano das manifestações seculares. Em outras palavras, é fundamental compreender a importância dos ritos como fenômeno eminentemente social, e não apenas religioso, teológico, psicológico ou filosófico (Alexander & Smith, 2006; Collins 2004). Dessa maneira, o sistema simbólico oriundo da manifestação de crenças comuns entre os indivíduos, quando da interação em atividades da vida cotidiana, nos fornece um instrumental teórico significativo para a compreensão do estabelecimento da ordem social, bem como dos processos que levam a tal estabelecimento, tendo em vista a consolidação de um código moral em determinados grupos sociais. Como veremos mais adiante, a formação dos jogadores acaba por ser marcada por elementos que associam a paixão pelo futebol às cores do clube, aos exemplos de fidelidade clubística vindos das torcidas organizadas, e à constituição de uma ordem moral que envolve o pertencimento ao grupo, e a coerência deste, tal como ditam os valores, normas e regras que são, durante o processo de formação, absorvidos pelos jovens nas vitórias e derrotas conquistadas ao longo das disputas em categorias de base.

Durkheim, no entanto, não nos fornece subsídios teóricos suficientes para tal empreitada. Dessa forma, para avançarmos em nossa discussão, introduziremos, de forma breve, alguns aspectos da análise que Goffman faz sobre as interações da vida cotidiana como rituais de interação de significância moral para a constituição da ordem social.

De fato, podemos considerar algumas das elaborações de Goffman acerca dos rituais interacionistas como possíveis extensões aos trabalhos realizados por Durkheim em *The Elementary Forms* (Birrell, 1981; Collins 2004). Ademais, Goffman compreende os rituais como “atividades que representam um modo no qual o indivíduo garante e organiza as implicações simbólicas de seus atos enquanto na presença de um objeto que tenha valor especial para ele” (Goffman *apud* Birrell, 1981, p. 359).

Por outro lado, as percepções de Goffman acerca dos rituais diferem das de Durkheim no sentido de que, enquanto o autor clássico empreende suas investigações tendo como base empírica eventos religiosos portadores de características espetaculares e emocionantes, Goffman busca nas situações prosaicas da vida cotidiana elementos simbólicos que evidenciem a existência de procedimentos ritualísticos a cada minuto, em cada interação, em todas as experiências sociais as quais os indivíduos são submetidos (King, 2004). Neste sentido, não apenas bandeiras, escudos, roupas, cruzeiros, livros sagrados, entre outros elementos, têm importância simbólica em contextos ritualísticos, mas também, e sobretudo, os indivíduos, manifestados a partir de seu *self*, e da presença e interação com o *outro* (Cf. Goffman, 1967, p. 5-45). Por conseguinte, compreende-se que os indivíduos idealizam suas performances em público no sentido de atribuir comportamentos específicos para determinadas funções sociais, seja esta a de um médico, de um estudante, policial ou de um jogador de futebol. Segundo Collins (2004, p. xi),

“Começando com um mecanismo durkheimiano, podemos ver como as variações na intensidade dos rituais levam a variações nos padrões de participação social e nas idéias que os acompanham; tudo isto não ocorre no nível global de uma ‘sociedade’ no sentido amplo, mas como associações que são locais, às vezes efêmeras, estratificadas e conflituosas”.

A idealização das performances do cotidiano demonstra a intenção de um indivíduo em projetar-se tal qual ditam os padrões de valores determinantes e predominantes em certos ambientes ou na sociedade como um todo. Em suma, os ensaios de Goffman (1966, 1967, 1971, 1996) indicam que os rituais da vida cotidiana celebram o *self* e o “outro” como atores importantes para a concepção moral da sociedade, sendo o outro um “espelho”, um “herói” que impressiona e pressiona a constituição de manifestações individuais.

Tendo em vista a perspectiva acima, os seres humanos manifestam-se como símbolos concretos dos valores de uma sociedade. No caso especial em que vamos abordar, estes símbolos são anotados a partir de codificações que se manifestam tanto na exibição de objetos dotados de características simbólicas constituintes de um determinado espaço social quanto de uma série de possibilidades gestuais que indicam a constituição de esquemas simbólicos codificados a partir mesmo dos corpos humanos. Portanto, as cores do clube e os seus símbolos unem-se à “marra”, “ginga”, “malandragem” dos craques, identificando-os como campeões, heróis dignos de vestir o “manto sagrado” que é a camisa do clube o qual representa. Isso faz parte da socialização dos jogadores e constitui base importante da formação dos jovens que se dedicam à profissionalização esportiva.

Em sua abordagem sociológica das situações do cotidiano, Goffman (1967, 1971, 1996) opta por ressaltar as interações face a face do ponto de vista de uma representação teatral, em que elementos da dramaturgia são utilizados como princípios norteadores da interação. Para tanto, Goffman compreende que, em situações de interação entre dois ou mais indivíduos, geralmente estes procuram por informações a respeito uns dos outros de maneira a definir a situação de interação em torno de expectativa e possibilidades de reação. Desse modo, a expressividade do indivíduo a partir da comunicação e, sobretudo, da gestão corporal passa a ter caráter promissório. Isto é, cria-se expectativas em relação à interação tanto por parte do ator social – cujo intento primordial é impressionar os indivíduos do grupo – quanto por parte de sua platéia.

Preocupado em compreender o caráter moral das projeções realizadas pelos indivíduos em situações de interação face a face, Goffman traz a idéia da vida como um palco, em que os atores se preocupam em se apresentar da melhor forma possível para a audiência, enquanto os bastidores são ocultados da interação. Portanto, o ator social, em Goffman, é o indivíduo que desempenha um papel e reivindica para si não só a atenção de seus observadores, mas também a seriedade das impressões sustentadas durante a interação.

É de se ressaltar que Goffman (1996) assume o fato de que mesmo quando as características sociais dos indivíduos (o que ele “deve” ser) correspondem às suas reais atuações (o que ele “é”), ainda assim existe a possibilidade da projeção deste indivíduo sobre determinada situação (suas expectativas sobre a interação) ser quebrada por diferentes motivos perturbadores, o que resulta na interrupção abrupta da interação e uma indefinição acerca da situação social. Nestes casos, compreende-se que pode haver uma definição mal resolvida da ordem interacional. O descompasso entre a performance social e determinadas situações sociais específicas incorre em riscos interacionais que podem por a perder a estabilidade da ordem moral. Tais situações resultam, geralmente, em embaraço,

definido por Martins (2008, p. 140) como “uma sensação de desconforto experimentado eventualmente nas relações interacionais”. A possibilidade de que ocorram tais desconfortos, que podem levar os indivíduos a se submeterem a situações vexatórias, encerra uma constante “coação dos indivíduos, (...) de modo a evitar possíveis ações que possam ser consideradas problemáticas” (*idem*). Percebemos, mais uma vez, a influência de Durkheim, e das elaborações sobre a coerção social presentes em *As Regras do Método Sociológico* (2002), na obra de Goffman. Como possibilidade de solução para tais embaraços, Goffman fala em “práticas corretivas” e “práticas preventivas”, para que se consertem ou se previnam tais situações de embaraço. Estas práticas seriam orientadas a partir de uma “fachada” constituída a partir de elementos visuais expressivos da interação. Estes elementos podem ser identificados como características tanto pessoais quanto do ambiente, sendo úteis ao ator como equipamentos de expressão individual.

Há, ainda, nos rituais interacionais um último aspecto a se ressaltar acerca da análise das interações face a face realizada por Goffman. Trata-se da abordagem que o autor dá do espaço físico como ambiente em que a vida social se desenvolve. Como já foi enunciado por Frehse (2008), várias perspectivas da sociologia do espaço coexistem na obra de Goffman. No entanto, preocupamo-nos, aqui, com os aspectos ritualísticos das interações. Em *Relations In Public* (1971), Goffman nos traz uma reflexão acerca da “sociologia do lugar” (Frehse, 2008, p. 158). Trata-se de uma elaboração acerca das influências do poder e da posição social na formação dos “territórios do *self*”, os quais correspondem a espaços físicos e situacionais demarcados pelos indivíduos em interação com o intuito de preservar a imagem de si, construída a partir da interação com outros (Cf. Goffman, 1971, p. 41). Há, nessa análise, “uma relação direta entre *self* e posição normativamente definida do indivíduo no interior do grupo” (Frehse, 2008, p. 158) a qual se manifesta a partir da ocupação de espaços sociais. Quando se rompe com tais posições, há a ocorrência de uma ruptura da ordem interacional, prejudicando a manutenção dos rituais de interação face a face e implicando, possivelmente, em embaraço, como já ressaltamos. Esta reflexão é importante, como veremos mais adiante na análise de dados, pois ajuda a compreender como os jovens aspirantes a jogadores assumem posições e funções em campo que, mais do que apenas expressar preferências futebolísticas do ponto de vista tático, possuem uma carga simbólica demasiado importante para a constituição da ordem interacional.

Em suma, ao trazermos esta reflexão sobre os rituais de interação e abordagem da dramaturgia de Goffman para o objeto de nosso trabalho, isto é, o futebol nas categorias de base, percebemos que os garotos que se sujeitam a um processo de seleção visando à profissionalização no esporte tende a passar

por situações de interação social na qual são exigidas dele diversas expectativas. Nesse contexto, muitas vezes, os aspirantes a jogador dramatizam sobre estereótipos de jogadores profissionais. Tal dramatização, como vimos em Goffman, tem por sentido não apenas o convencimento da platéia, mas também a aceitação harmoniosa do ator na ordem moral estabelecida.

Dessa forma, o ator social incorpora uma “fachada pessoal” que se assemelha à de um jogador profissional (cabelos, camisas, chuteiras, brincos etc.) e assume trejeitos desses jogadores (gestos corporais, gírias, jargão etc.) como estratégia para promover a sustentação da interação social como jogador de futebol. Há, por trás dessa postura, a intenção de integrar a ordem moral caracterizante das interações futebolísticas, pois como afirma (Branaman, 2004, p. lxiii).

“O *self* é um produto de espetáculos encenados na vida social, e na maioria das vezes estes desempenhos são limitados pela ordem ritual da vida social. É através de nossa ligação com o *self* que nos mantemos unidos à sociedade. Nós mantemos a faceta, seguindo as normas sociais, mostrando deferência e afirmando a dignidade dos outros, e apresentando-nos de acordo com os nossos próprios lugares na hierarquia de status”.

No entanto, em muitos desses momentos, a dramatização pode incorrer em situações de conseqüências não esperadas, fazendo com que o ator recorra a “práticas corretivas” no intuito de se restabelecer a interação. Como veremos, todos esses elementos fazem parte do aprendizado do futebol e, mais do que isso, da socialização futebolística destes indivíduos em fase de formação.

## **O Universo Simbólico do Futebol e os Seus Rituais**

Desde as “peneiras”, podemos observar que os garotos que se candidatam a uma vaga em categorias de base de clubes de futebol carregam consigo objetos que, para aqueles que participam e compreendem os rituais interacionais do futebol, são dotados de significados simbólicos. Camisas, bonés, tatuagens e brincos, por exemplo, compõem as fachadas dos jogadores que chegam se apresentam para disputar uma vaga nas seleções dos clubes.

Com efeito, durante a pesquisa realizada nas “peneiras” de Náutico e Sport, pudemos observar garotos com camisas de grandes clubes brasileiros, como o Fluminense e Flamengo, do Rio de Janeiro; Corinthians, Santos e São Paulo, do estado de São Paulo; Grêmio e Internacional, do Rio Grande do Sul; além, é claro, das camisas de Náutico e Sport. No entanto, são as camisas internacionais que mais chamam a atenção: Barcelona e Real Madrid, da Espanha; Manchester United, Arsenal e Chelsea, da Inglaterra; Juventus e Internazionale de

Milão, da Itália; foram algumas das mais notadas entre as apresentadas. No meio dessas, uma do Schalke 04, da Alemanha, chamou a atenção, por se tratar de um clube ainda pouco popular entre os brasileiros.

Usar camisas de times consagrados faz parte do exercício de espelhamento com base em exemplos ideais que os jogadores realizam na composição de suas “fachadas” individuais. Há, também, o uso de acessórios incorporados às vestimentas. Brincos brilhantes nas orelhas são os mais comuns. No entanto, no Náutico notamos um garoto cujo corte de cabelo apresentava, desenhado no corte de cabelo o escudo do clube o qual pretendia defender, sendo um corte de cabelo bastante diferente, como diversos outros que ostentam tranças, como o jogador Wagner “Love”, cortes no estilo “moicano”, ou ainda os cabelos descoloridos e a tradicional cabeça raspada, já consagrada nos meios futebolísticos, bastante comuns entre os jogadores profissionais. Outro tipo de cabelo – e obviamente a tentativa de apresentação do *self* – que encontramos foi o de um garoto cujo ídolo é Ronaldinho “Gaúcho”. Certamente, seu penteado fazia jus ao desejo de espelhar o jogador famoso.

Um fato interessante observado no Sport: um jogador da categoria juvenil apresentava, nos braços, os nomes da mãe e da namorada tatuados em *benna*, produto natural usado para tatuagens temporárias, pois sai da pele com o passar de alguns dias. A imagem remetia, imediatamente, ao jogador Adriano (embora outros profissionais do futebol brasileiro e europeu também utilizem as tatuagens), atualmente no Flamengo, cujos braços possuem tatuagens semelhantes, além das orelhas que ostentam igualmente brincos bastante brilhosos.

As referências exploradas na composição das fachadas individuais dos jogadores tem por objetivo, como visto anteriormente, estabelecer expectativas a respeito das suas ações em situações de interação social. Dessa maneira, além das camisas e de todos os outros acessórios apresentados pelos garotos e observados durante a pesquisa, a gestão corporal dos atletas dentro e fora de campo é importante. Alguns jogadores se diferenciam também no porte, na forma como se movimentam, apresentando uma “marra”, isto é, uma postura que indica esperteza, malandragem, soberba, lembrando jogadores como Romário, que atuou em grandes clubes do Rio de Janeiro e pela seleção brasileira; Neto, consagrado pelo Corinthians paulista; Robinho, ex-Santos, Real Madrid e Manchester City; ou Carlos Alberto, ex-jogador do Porto, de Portugal, e atualmente no Vasco da Gama.



QUADRO 1: EM QUE JOGADOR VOCÊ SE ESPELHA?<sup>2</sup>**CLUBE NÁUTICO CAPIBARIBE***Infantil (15-17 anos)*

ENTREVISTADO		JOGADOR EM QUEM ELE SE ESPELHA		
NOME	POSIÇÃO	NOME	POSIÇÃO	TIME
Artur	Atacante	Nilmar	Atacante	Villareal (Espanha) e Brasil

*Juvenil (17-19 anos)*

ENTREVISTADO		JOGADOR EM QUEM ELE SE ESPELHA		
NOME	POSIÇÃO	NOME	POSIÇÃO	TIME
Benício	Atacante	Ronaldo “Fenômeno” Fernando Torres	Atacante  Atacante	Corinthians e jogou pela seleção brasileira Liverpool (Inglaterra) e Espanha
Carlinhos	Meia- Armador	Kléber	Atacante	Cruzeiro
Dorival	Meia- Armador	Ronaldinho “Gaúcho”	Meia- Armador	AC Milan (Itália) e Brasil
Expedito	Zagueiro	Lúcio	Zagueiro	Internazionale Milan (Itália) e Brasil
Felício	Volante	Lugano Andrea Pirlo	Zagueiro Volante	Fenerbahçe (Turquia) e Uruguai AC Milan (Itália) e Itália

**SPORT CLUBE DO RECIFE***Infantil (15-17 anos)*

ENTREVISTADO		JOGADOR EM QUEM ELE SE ESPELHA		
NOME	POSIÇÃO	NOME	POSIÇÃO	TIME
Genival	Atacante	Ronaldo “Fenômeno”	Atacante	Corinthians e jogou pela seleção brasileira
Hugo	Atacante	Ronaldo “Fenômeno”	Atacante	Corinthians e jogou pela seleção brasileira
Ivan	Atacante	Ciro Cristiano Ronaldo	Atacante  Atacante	Sport Recife Real Madrid (Espanha) e Portugal

<sup>2</sup> A informação acerca dos jogadores em que os “aprendizes” se espelham refere-se ao momento em que as entrevistas foram feitas. Todos os nomes utilizados, aqui e em outros trechos, para identificar os aprendizes de futebol são fictícios. Tal recurso é utilizado para preservá-los e foi garantido quando da negociação das entrevistas com os funcionários responsáveis pelos garotos dos clubes pesquisados.

Josinaldo	Zagueiro	Romário	Atacante	Jogou pelo Vasco da Gama, Flamengo e Barcelona (Espanha), entre outros, e pela seleção brasileira
Lucas	Meia-Armador	Kaká	Meia-Armador	Real Madrid (Espanha) e Brasil
<i>Juvenil (17-19 anos)</i>				
ENTREVISTADO		JOGADOR EM QUEM ELE SE ESPELHA		
NOME	POSIÇÃO	NOME	POSIÇÃO	TIME
Marcelo	Volante	Hamilton	Volante	Sport Recife
		Andrea Pirlo	Volante	AC Milan (Itália) e Itália
Nonato	Meia-Armador	Kaká	Meia-Armador	Real Madrid (Espanha) e Brasil
Quincas	Zagueiro	Fábio		
		Canavarro	Zagueiro	Juventus (Itália) e Itália
		Durval	Zagueiro	Sport Recife
Roberval	Meia-Armador	Ronaldo		Corinthians e
		“Fenômeno”	Atacante	jogou pela seleção brasileira
		Andrade	Volante	Sport Recife

Há, porém, a possibilidade da criação de situações de embaraço, ou seja, quando a composição das “fachadas” pessoais acaba por incorrer em desentendimentos interacionais. Como ressalta Martins (2008, p. 141), “o processo interacional repousa num trabalho de produção de um consenso operacional construído conjuntamente pelos participantes envolvidos”. Quando, no entanto, este consenso é quebrado por algum elemento simbólico perturbador que possa ser apresentado durante a interação por um dos atores sociais, há o comprometimento do *modus vivendis* que está sendo construído. A possibilidade permanente de conflito faz-se sempre presente, explicitando-se tanto quando há antagonismos de interesses quanto em circunstâncias caracterizadas por desencontro afetivo/cognitivo entre os atores sociais (Cf. Simmel, 1964, 1971). As situações que observamos remetem àquilo que Alexander (2004, p. 532) chama de “de-fusão” da performance, isto é, quando esta falha porque os elementos que a compõem não conseguem se fundir. Em outras palavras, o ator não consegue fundir texto, *script* e representações de pano-de-fundo para se comunicar com a sua audiência.

No caso do Náutico, a “peneira” costuma ser realizada durante boa parte do ano, com os selecionadores escolhendo cautelosamente os poucos felizardos que terão a oportunidade de ingressar nas divisões de base e, possivelmente, tornarem-se profissionais do clube. Ali, o processo de seleção se dá em um dos campos do Centro de Treinamento localizado no bairro da Guabiraba, afastado

10 km da sede do Clube, nos Afritos, também no Recife. Quando acompanhamos o processo seletivo em novembro e dezembro de 2008, participaram como selecionadores: Levi Gomes – ex-jogador do clube e então treinador dos Juniores –, Gena – também ex-jogador e treinador da escolinha do Náutico, que funciona no CT –, José Roberto Neves – então supervisor das divisões de base do clube – e Márcio Gallupo, à época assistente de Levi. Durante os treinos, pudemos observar ao menos três garotos, um com calção e outro com meiões nas cores rubro-negras, idênticas às do Sport, e um terceiro com meiões nas cores vermelha, branca e preta, as mesmas do Santa Cruz, terceiro clube na rivalidade dos times pernambucanos. Estes jovens foram repreendidos por Gena, ex-ídolo do clube e um dos selecionadores do clube. Um episódio semelhante aconteceu novamente dias depois, já nas fases finais do processo de seleção, quando vimos o supervisor das divisões de base do Náutico avisar de forma sucinta a mais um ‘desavisado’: “Não me venha com esses meiões do Sport! Eu me pergunto como é que alguém vem para uma ‘peneira’ do Náutico usando essas coisas” (Diário de Campo, 28/11/2008).

Em outra ocasião, quando nós estávamos observando uma ‘peneira’, realizada na Campina do Barreto, bairro na periferia de Recife, em 5 de novembro de 2009, Valter Mendes, treinador da equipe infantil do Sport, fez um comentário em tom de brincadeira sobre um garoto vestindo uma camisa do Corinthians: “Ó, que camisa é essa, cara? Vamos lá! Tira isso!”.

Estas representações do *self* não são somente performances que falharam por causa da incapacidade dos atores (garotos pretendentes a jogadores) em fundar o texto (camisas ou meias de diferentes clubes), *script* (processo seletivo) e representações de pano-de-fundo (rivalidade histórica entre os três clubes de Recife) para comunicação com a audiência (selecionadores do Náutico). Tais ações também lembram outro aspecto dos rituais, já especificado por Durkheim (1964, p. 107): a construção social de uma identidade comum, em oposição a outras identidades, através de símbolos consumidos e comungados por membros de uma fratria. Este caso nos mostra também que a rivalidade é socialmente construída e está relacionada, como já alertava Durkheim, à proximidade física e social dos grupos envolvidos nas disputas mais gerais (Náutico, Santa Cruz e Sport) por lealdade. É por isso, certamente, que as camisas e meiões de clubes europeus eram aceitos normalmente, ao contrário de apetrechos relacionados aos outros dois times de Recife.

De fato, as cores usadas pelos clubes no processo de construção de uma identidade de uma comunidade (“eu sou alvirrubro!”, “eu tricolor!”, “eu sou rubro-negro!”) em si nada representam, a não ser quando usadas simbolicamente para dar sentido a esta fraternidade que é o clube. Assim, por exemplo, no Náutico (alvirrubro), pudemos observar camisas rubro-negras do Manchester

United (uma fratria muito distante) sendo usadas pelos aspirantes a jogador de futebol, embora meios rubro-negros do Sport ou tricolores do Santa Cruz (duas fratias bem próximas e rivais contra quem batalhas heróicas tem sido travadas) tenham sido proibidos. No caso de Valter Mendes, com relação à ordem para não usar a camisa do Corinthians, que é um time de um lugar distante, é preciso ter em mente que, no ano anterior, o Sport ganhou a Copa do Brasil ao derrotar este time na final e que as rivalidades construídas antes e durante esse jogo ainda estavam nas mentes de todos os torcedores do Sport. Isso nos lembra do que Durkheim (1964: p. 130, nota 5) afirma: “Cada totem de uma fratria é proibido, em certa medida, para os membros da fratria que tem um totem diferente”.

Já nas categorias de base do Sport, um dos jogadores inseridos entre os juvenis do clube foi alvo dos “riscos interacionais” (Goffman, 1967) ao ser flagrado por Roberto “Coração de Leão”, ex-jogador do clube e treinador da equipe, com brincos na orelha. Roberto é categórico na sua posição: “Que brinco é esse aí? Usa o brinco pra passear no shopping! Você não tá aqui pra passear, tá?”.

Neste caso, é interessante acentuar o seguinte: embora apetrechos tais como brincos, colares e pulseiras de tamanho considerável sejam parte da construção da identidade e da identificação de jogadores famosos, em especial no Brasil, nesta situação o brinco foi tratado de forma diferente. Ao que parece, o treinador-selecionador contrapõe dois mundos diferentes: o do trabalho e o do lazer, do não-trabalho<sup>3</sup>.

#### 4. Motivação e Construção do *Self* de Jogador de Futebol

Bray inicia seu capítulo sobre a importância da motivação no futebol moderno, escrevendo o seguinte:

“Em 25 de maio de 2005, AC Milan e Liverpool jogaram o que veio a ser considerada a mais fascinante final da Taça dos Campeões da Europa da história da competição, talvez a melhor dos tempos modernos (...) Foi a única ocasião em uma final da Copa dos Campeões em que uma equipe certamente dominada no primeiro tempo, superou uma desvantagem de três gols, e por força de imensa coragem e de uma quase super-humana resistência física forjou um novo começo ao vencer através da cobrança de pênaltis. O que o mundo viu então foi um exemplo perfeito da

---

<sup>3</sup> Uma outra possibilidade é que na concepção deste treinador o brinco usado por pessoas do sexo masculino represente – como acontece em certos bastiões da cultura machista do futebol – uma identificação com atitudes não propriamente esperadas em um jogo viril. Porém, não temos elementos suficientes para perseguir esta linha de argumentação.

mentalidade vencedora. O Liverpool era mentalmente mais forte e jogou todas as cartas psicológicas em suas mãos com perfeição” (Bray 2006: p. 113).

No entanto, no que se segue não vamos analisar os dispositivos usados para dar força mental aos jovens jogadores a partir de um ponto de vista psicológico. Em vez disso, vamos analisá-los como cuidadosos rituais quase religiosos visando motivar os aprendizes de futebol.

Projetar uma imagem de si que se relacione com perfis ideais, nos quais os garotos das divisões de base se espelham, também é uma das etapas da formação dos jogadores nas dependências do clube. Ao acompanharmos uma palestra motivacional, ocorrida em 15 de maio de 2009, com os jogadores do Infantil do Sport, pudemos perceber o quão importante é o perfil dos heróis do futebol, e os elementos simbólicos a eles associados, para a formação dos jogadores.

A palestra motivacional foi comandada por Gildo dos Santos, auxiliar administrativo das categorias de base do clube, e ocorreu por ocasião da participação do time do Sport nas finais de um torneio de futebol infantil com times do interior do estado. O Sport era convidado e já havia conseguido resultados bastante expressivos. O percurso até a final do torneio, o qual era organizado em “mata-mata”, iniciou-se com uma goleada de 20 a 0; seguida de outra de 8 a 0; 3 a 0 nas quartas de final e 4 a 0 nas semifinais. Todos os jogos, assim como a final que estava por vir, foram disputados contra modestos times do interior do estado. Tal prática, além de estimular os garotos, era importante na captação de novos atletas que poderiam se destacar ao atuarem contra o próprio Sport. Faltava, então, a final. Então, Valter Mendes, treinador da categoria, decidiu realizar a palestra motivacional com os garotos. A sessão em tudo se assemelha a um rito religioso. Os jogadores foram colocados sentados em cadeiras e assistiram Gildo falar sobre a importância do jogador de futebol ter um bom comportamento, sendo disciplinado em relação aos treinos, estudos e convivência com os colegas. Os valores morais que permeiam o futebol foram constantemente associados às possibilidades de sucesso profissional dos garotos.

O bom jogador, o craque que é campeão, é aquele que sabe compartilhar as experiências com os companheiros de time. A certa altura, Gildo pergunta, então, quantos dos jogadores presentes ali já havia ganho algum título. Apenas quatro deles não levantam a mão. Ele ressalta, mais uma vez, a importância de ser campeão, sem que se precise, para isso, recorrer à violência ou à humilhação do adversário.

A palestra é acompanhada por uma trilha sonora de fundo composta de músicas para meditação. Gildo relaciona as possibilidades de sucesso do trabalho com a crença dos jogadores em Deus. No entanto, alerta que apenas Deus não basta, pois “Deus está nos dois times”. As vitórias conquistadas são frutos do

“dom” para jogar o futebol (Damo, 2007), que os garotos já apresentavam, do trabalho realizado pelos garotos no Sport, além da personalidade e disciplina que os garotos demonstravam.

Estes assistem a tudo com extrema concentração. Gildo fala das famílias que os jovens deixaram no interior do estado para tentar carreira no futebol, ressaltando que a saudade de casa deve ser mais um elemento de motivação para eles. Levi Gomes, técnico dos juniores, recém contratado pelo Sport (ele estava anteriormente no Náutico), é convidado a participar. Levi inicia sua participação também assinalando para os garotos que “o jogo deve ser simples e objetivo, sem a necessidade de se humilhar o adversário”. O ritual continua com Levi enumerando mais uma série de valores morais característicos do futebol. E segue com a indicação da importância de se treinar, sem, no entanto, se esquecer que existe um elemento importante, o “dom”, que existe em cada garoto para que ele possa se destacar na carreira.

“Não tenha dúvida, futebol não tem segredo. É treinar, treinar e treinar. O ‘dom’, vocês que já estão aqui... O ‘dom’, Deus dá. (...) Vocês estão aqui porque são merecedores. Não tem ninguém aqui porque é bonitinho. E quem escala, não sou eu. Quem escala, são os próprios atletas, no dia a dia dos treinos” (Fonte: Diário de campo, 15/5/2009).

Por fim, Levi ainda alerta os garotos para que eles sejam proativos, e passem sempre a considerar suas possibilidades como jogadores na hora de se esforçar nos treinos ganhando, assim, seu espaço, um lugar definitivo no time.

O “dom” é tratado, aqui, como dádiva divina, associada à religiosidade, elemento bastante comum no universo simbólico do futebol brasileiro, como já enunciou Damo (2007, p. 187). O treinador finaliza, então, sua participação indicando aos garotos que eles se espelhem em algum jogador que eles consideram modelo, para que eles se inspirem na atuação de tais atletas e passem a seguir os passos de uma pessoa já consagrada no meio futebolístico.

“Estudem! Cada um tem uma função aqui. Então pega alguém que se destaca nessa função e vê como ele faz... Vê o que ele faz. (...) Não queira fazer o diferente, não. Entre pra fazer o que o treinador manda. Também não tenha medo de errar, tecnicamente. A gente aceita situações de erro técnico, mas erro tático, a gente não aceita não” (Fonte: Diário de campo, 15/05/2009)<sup>4</sup>.

---

<sup>4</sup> É interessante observar o seguinte: Levi admite o “erro técnico”, aquele que depende do indivíduo; mas não o “tático”, aquele que depende do todo, do coletivo. O “técnico”, aqui, parece ser um atributo exclusivo do garoto, do jogador; enquanto o “tático” parece depender da ação do treinador, pois é algo que se constrói coletivamente sob a batuta dele. Por isso, ele antes diz: “Entre pra fazer o que o técnico manda”.

Após a participação de Levi, Gildo volta e finaliza a palestra com a exibição do filme “Facing the Giants” (USA, 2006), ou “Desafiando Gigantes”, em sua versão brasileira, que mostra a superação de atletas de futebol americano na conquista de um campeonato universitário. As cenas mostradas apresentam sempre jogadores em condições adversas, quase se rendendo à derrota, mas que acabam se motivando espontaneamente e conquistando seus objetivos. Há, antes do fim da atividade motivacional, um outro filme, este com a participação da Torcida Jovem do Sport, a principal organizada do time, preparando a ida ao estádio com bandeiras, camisas e todo o aparato de elementos simbólicos que acompanham o futebol. Neste breve filme são expostos todos os principais símbolos do clube: o escudo, as cores, a bandeira, a camisa, tudo acompanhado da participação intensa da torcida. Gildo ainda acrescenta: “Essas pessoas, elas estão lá na arquibancada por vocês. São vocês que fazem elas irem pro estádio torcer”. Finalmente, Gildo sinaliza que, assim como os garotos elegez ídolos nos quais se espelham para a carreira de futebolista, os torcedores também elegez os seus heróis, que podem, inclusive, sair das categorias de base do clube.

A sessão motivacional termina com os garotos se abraçando e se cumprimentando, muitos emocionados e chorando diante das imagens ali exibidas. A observação *in loco* e a narrativa de um evento como este aqui, para os objetivos deste artigo, serve para demonstrar como a formação dos jogadores é plenamente permeada por rituais interacionais embasados em elementos simbólicos característicos do futebol. Esses rituais compõem, assim como os treinamentos, os estoques de conhecimento que levarão os atletas ao estabelecimento de suas “fachadas” pessoais, elemento analítico que indica o que se esperar do indivíduo, e como agir e o que exigir ao se interagir como ele, mediante pressupostos morais que estabelecem a ordem interacional<sup>5</sup>.

---

<sup>5</sup> Palestras motivacionais, com um tom ritualístico “religioso”, parecem ser um instrumento recorrente em ocasiões de jogos importantes. Em outro momento de nossas observações de campo, foi anotado o seguinte: “Depois de se acomodarem, a apresentação começou. A música de fundo era uma suave canção evangélica: sons de piano e violões eram entrecortados por uma voz feminina que ajudava a dar sentido à vida daqueles garotos. Os *slides* se seguiam vagarosamente e apesar da dificuldade de leitura e do som do computador baixo, vi que conteúdo das mensagens se referia tanto a Deus, à importância e dependência que a família tinha daqueles atletas (dependência de um ‘futuro’), ao esforço e união do grupo. Uma série de imagens do time em diversas situações foi mostrada e no final algumas fotos de familiares fizeram um mosaico que preencheu a pequena tela. No final da apresentação, todos bateram palmas enquanto se erguiam do chão. Um garoto se levantou do banco chamando a atenção de todos. Com o dedo em riste, quase gritando, falou: ‘- Esse é o jogo da nossa vida. Temos que dar a vida hoje. Nós somos bastante criticados, inclusive aqui, no Sport mesmo. Temos que mostrar que nós somos bons, que somos homens!’. Alguns

## 5. As Funções em Campo e o Uso do Espaço

Se em um primeiro momento dos processos seletivos nos clubes observados as experiências de futebol eram marcadas pela extrema elasticidade atribuída às regras, à medida em que tal processo se aprofunda os níveis de rigidez também se intensificam. Neste sentido, alguns aspectos observados na primeira etapa do “peneirão” realizado pelo Náutico no mês de novembro de 2008 são interessantes. Passemos a eles.

Em um campo de terra batida e terreno irregular, chamado de “Afeganião” pelos jogadores e até mesmo por alguns funcionários, realizam-se as seleções. Nota-se, desde o início, que os aspirantes são dotados de conhecimentos sobre o futebol, suas regras e táticas. Por exemplo, o “bate-centro” executado para dar início ao jogo, bem como as cobranças de lateral e tiro de meta, o não uso das mãos para controlar a bola e o controle da violência são executados pelos jogadores com naturalidade, como procedimento usual do jogo, na medida em que, obviamente, certo grau, variável com certeza, de conhecimento das regras do jogo. Esta variação vai desde aqueles que vem diretamente das peladas de rua, onde as regras são mais flexíveis, até aqueles que fizeram parte de escolinhas, onde as regras são tratadas e ensinadas, mesmo que não seja em profundidade:

“Aprendi muita coisa, assim... Meu jeito de me posicionar, acho que foi um dos mais importantes. Tanto pra impedimento, também, ver a linha certa do atacante. Já começou desde o Infantil. Ver a linha certa do zagueiro pra não ficar impedido direito. Isso foi uma coisa importante. [...] Posicionamento na área, sair mais, ir pra cima do zagueiro. Todos os treinadores falam pra não ficar impedido na saída dos zagueiros” (Entrevista de pesquisa, 16/05/2009).

Para além do exercício das regras definidoras do esporte, as experiências progressas de futebol levam os garotos a assumir uma posição/função em campo que lhes é de preferência, como zagueiro, lateral, atacante, meia-armadores etc. Embora, como observado no Náutico, mas igualmente nas “peneiras” do Sport, os selecionadores procurem deixar claro que os pontos ali avaliados não estão

---

garotos gritavam concordando, outros se cumprimentavam com apertos de mãos e abraços. Parecia que todos estavam num estado de excitação elevado, quase religioso. Rodolfo, outro integrante da comissão técnica, comandando o som, aumenta o volume da música-tema das vitórias de Ayrton Senna nas transmissões da Rede Globo de Televisão. Sob um “tam tam tam – tam tam tam – tam tam tam”, os garotos continuavam a comungar gritos e cumprimentos” (Fonte: Diário de campo, preparado por um dos bolsistas de iniciação científica da pesquisa, 24/10/2009).



relacionados com a posição indicada por eles, mas, sim, com o desempenho técnico, a capacidade de mostrar qualidades individuais, como o domínio e o passe de bola, chute, cabeceio, velocidade e habilidade no drible, os aprendizes insistem em jogar na posição de origem. Em diversas ocasiões observadas, em determinados momentos das “peneiras”, já não era possível compor um time com os garotos que se apresentavam, devido principalmente ao excesso de atacantes, à pouca quantidade de zagueiros e, sobretudo, de laterais esquerdos (posição mais escassa neste processo seletivo). Há, nessa postura dos garotos, um aspecto revelador das possibilidades criativas e de uso do espaço pelos atletas. Como já observado no quadro teórico, os garotos se submetem a posições nas quais se sentem mais confiantes para estabelecer as interações em campo. Quando se candidatam a uma “peneira” atuando, por exemplo, como atacantes, os jovens compreendem que são esperados deles diversas ações correspondentes às funções de atacante em um jogo de futebol.

Nesse sentido, alguns exemplos das “peneiras” realizadas pelo Náutico, aqui já citadas, são interessantes. O primeiro deles é o de João, garoto de 16 anos que tentava uma vaga atuando como meia. No primeiro dia da seleção, que se prolongaria ainda por cerca de dois meses, ele teve que jogar como zagueiro, pois havia chegado tarde ao treino e já não havia mais vagas para meia nos times organizados por José Roberto, um dos selecionadores. Dessa forma, João, ao contrário de vários outros garotos que puderam se recusar a atuar em posições que não fossem as suas, teve de aceitar a jogar como zagueiro. Quando perguntado sobre as dificuldades encontradas na “peneira” tendo atuado em outra posição, ele foi direto ao ponto: “Não foi muito difícil, não sei marcar, mas até que foi tranquilo” (Diário de Campo, 05/11/2008).

A função de marcador, no futebol, é característica dos jogadores defensivos, nem sempre sendo obrigatória a jogadores de ataque ou meias. Quando um determinado atleta desenvolve suas habilidades em experiências prévias à “peneira”, acostuma-se com as funções que são inerentes à posição que mais lhe agrada em campo. Passa, então, a dominar os espaços do campo e a orientar a composição de sua “fachada” como jogador a partir das possibilidades criadas na posição que lhe é preferida. Assumir uma posição diferente incorre em riscos interacionais que podem resultar em situações de constrangimento e, muito possivelmente, embaraço para o atleta. De fato, “não saber marcar” pode resultar em um comprometimento da defesa, o que, em uma situação de interdependência dos indivíduos, implica em uma desestabilização geral das possibilidades da equipe em obter resultados positivos.

Mais do que isso, o que está em jogo em uma “peneira” não é o fato de haver times vencedores e perdedores, mas o desempenho individual de cada um, além de sua capacidade de interagir com os demais jogadores de seu time,

de se mostrar ser “alguém de grupo”, na medida em que o futebol também é um esporte coletivo – e tal capacidade, é claro, influenciará o desempenho individual dos aprendizes. Dessa maneira, compreende-se que, para alguns garotos, o risco de atuar em uma posição que não é a sua de origem acaba por ser demasiado influente na possibilidade de conseguir uma das escassas vagas para as divisões de base, seja no Náutico, seja no Sport.

A divisão hierárquica entre as posições também sofre a influência da popularização do futebol como espetáculo de massas. O atacante, goleador de capacidades notáveis, tende a ser mais valorizado, em termos financeiros inclusive, o que acaba tornando a posição mais atraente. Se a posição de atacante é hipervalorizada pelos aspirantes a jogador, a de goleiro já sofre com o problema contrário. Durante as seleções no Sport e Náutico, ambos os selecionadores, respectivamente, Roberto “Coração de Leão” e José Roberto, indicaram que os candidatos a goleiros são, na verdade, convidados, porque a posição tem baixa demanda mesmo nos grandes clubes. Goleiros, assim como zagueiros e laterais, ocupam as posições mais baixas na hierarquia das funções futebolísticas, sobretudo no Brasil. Ademais, o espaço de jogo a elas concedido é, também, de menor valor, quando comparado aos meio-campistas ou aos atacantes. Há, por fim, a questão do domínio, controle e habilidades com a bola.

Em outro exemplo da “peneira” do Náutico, José Roberto resolve experimentar a variação de posições com os garotos. Em determinada altura de uma partida, inverte a posição de dois zagueiros, trocando-os por dois atacantes do mesmo time. Quando os atacantes, recém transformados em zagueiros, tocavam na bola, era visível a “dificuldade” deles. Os dois tendiam a dar um drible a mais, demorando a tirar a bola da defesa. Tal procedimento pode ser explicado pela função de atacante já estar naturalizada, o que os leva a ter relativos problemas no domínio do espaço físico dos zagueiros, quando se necessita de maior atenção e de outro tipo de raciocínio, de lógica e ação para se evitar que a bola seja roubada e resulte em uma jogada de perigo, comprometendo o rendimento do time.

A posição, nos treinamentos das “peneiras”, além de representar simbolicamente tanto as possibilidades de ascensão dentro da carreira futebolística, quanto o capital futebolístico dos jogadores, também é elemento de localização e de referência em campo. Como boa parte dos garotos que participam das “peneiras” não se conhece de situações anteriores, eles acabam usando como alcinhas as posições existentes em um time. Assim, os jogadores deixam de lado seus nomes e passam a se chamar de “zagueiro”, “meia”, “lateral” ou “atacante”. Essas indicações servem tanto para localizar os indivíduos em campo, quanto para situações de acertos táticos dos jogadores, como, ainda, para conversas prosaicas que venham a ocorrer dentro e fora do campo de jogo. Neste sentido, vale lembrar um trecho de Norbert Elias sobre este ponto:

“No caso de partidas de futebol, movimento e emoção estão intimamente ligados entre si, pelo menos no que se refere aos jogadores. Inclusive o público dispõe de uma margem mais ampla para transmitir o que sente a seus vizinhos de assento, a todos os demais e aos jogadores por meio de movimentos, incluídos os de língua, os lábios e as cordas vocais” (Elias *in* Elias & Dunning 1995, p. 67).

O uso de expressões vocais tem obviamente o sentido de tentar diminuir o nível de contingência que a situação apresenta (Cf. Collins, 2004). Pudemos verificar isso em nossas observações de campo. Com efeito, muitos dos garotos não se conheciam, mas alguns deles tinham de jogar em posições diferentes daquelas a que estão acostumados e foram obrigados a jogar em um conjunto ‘frouxo’ com vistas a algo que se assemelhe a um esporte coletivo.

Neste sentido, pudemos observar que muitas vezes um dos garotos assumia espontaneamente o papel de “capitão” do time ou de seu líder, o que, nas “peneiras”, tem o mesmo sentido em função da ausência de técnicos. Como sabemos, desde os primórdios do futebol, ainda antes da existência de árbitros, quando os impasses do jogo eram resolvidos pelos capitães dos times contendores, que estes tem tido um papel central na organização dos times através, primeiro, de sua autoridade, não disputada no século XIX, e, na atualidade, como uma espécie de representante do técnico diante dos demais jogadores do time e do próprio time perante o árbitro durante o jogo.

As tarefas desempenhadas pelos improvisados “capitães” durante as “peneiras” observadas estavam mais voltadas para a motivação dos companheiros, bem como na distribuição de tarefas e posições em campo. Um trecho do nosso diário de campo assinala bem o que se afirma acima:

“Seguindo uma prática comum no futebol, observamos que jogadores em posições-chave assumem o papel de ‘capitães’, orientando os jogadores de seus times, que na maioria das vezes correspondem a esses estímulos. Um zagueiro do time sem camisa ordenava: ‘a gente tem que botar a bola no chão’; ‘vamos sair, vamos apertar o time deles’. Já no outro time, de camisa, o zagueiro organizava a equipe no momento de um tiro de meta do adversário: enquanto o goleiro se preparava para chutar a bola, o zagueiro pediu para que um meia-armador marcasse um jogador que buscava um espaço livre pela direita. Já em outro momento o goleiro do time de camisa gritou: ‘Está faltando um na sobra!’” (28/11/2008).

Todos estes exercícios de comando estavam direcionados para tentar dar sentido e aparência de um jogo coletivo a uma situação de aparente caos, na medida em que, como já dissemos, os garotos não se conheciam e os selecionadores, muitas vezes atuando como árbitros de forma “descuidada”, davam poucas pistas acerca dos critérios de escolha dos futuros selecionados. Mais: os critérios anunciados eram tão gerais que permitiam tanto certo tom de

intangibilidade quanto exigiam dos garotos um esforço grande de vários tipos de performance para lidar com a situação. Neste sentido, podemos acrescentar que, como muitos vem de escolinhas de futebol, poderiam estar seguindo instruções ouvidas previamente em situações de treinamento como a que observamos em um treino: “O ‘capitão’ tem que organizar o time... O zagueiro também tem uma grande importância na organização e incentivo aos seus companheiros” (Fala de treinador. Fonte: Diário de campo, 17/04/2010).

Obviamente, todo este ritual era parte de esforço pessoal no sentido de mostrar certas características atribuídas aos líderes em campo: capacidade de comando, de distribuição de tarefas e de posicionamentos, de reclamar para si a autoridade sobre os outros, de reclamar para si a própria posse de bola. Esta última característica lhes permitiria alcançar vários objetivos ao mesmo tempo: receber mais a bola – e, portanto, ter a oportunidade de atender a dois dos critérios frouxamente anunciados pelos selecionadores, a saber: o controle da bola e a qualidade do passe – controlar a sua distribuição, tê-la sob seu controle individual, limitar seu acesso por parte dos outros garotos.

Uma situação comum que permitia o exercício deste comando por parte dos “capitães” auto-eleitos era gritar para os outros “É nossa! É nossa!” na hora de marcar, eles mesmos, uma pretensa falta, o que lembra o modo de se jogar nas ruas e nas várzeas. O que nos remete às formas bricoladas de se jogar futebol a que alude Damo (2007).

Além das posições em campo, semelhanças físicas também são utilizadas para a atribuição de epítetos aos jovens jogadores. Na “peneira” realizada no Náutico, dois exemplos são bem característicos. O primeiro deles diz respeito a um dos candidatos que, estando acima do peso ideal para alguém que pretende a carreira de atleta, acabou sendo chamado de “Ronaldo” pelos colegas. O fato se deve, principalmente, à identificação de porte físico entre o garoto e o consagrado jogador Ronaldo “Fenômeno”, atualmente no Corinthians. Acima do peso, Ronaldo foi, durante boa parte da temporada de 2009, no Corinthians, alvo de especulações e críticas por parte da imprensa especializada, que o chamava de “gordo”, o que já ocorrera durante a Copa do Mundo de 2006, na Alemanha. Outro exemplo vem de um aspirante a jogador, também atacante candidato a uma vaga no Náutico, que por ser um garoto de elevada estatura e porte físico avantajado, passou a ser chamado de “Adriano”, devido à identificação física, pelos colegas de “peneira”, com o atacante do Flamengo e da seleção brasileira.

## 6. Conclusões

Quando nos inserimos nos clubes de futebol Sport Club do Recife e Clube Náutico Capibaribe, buscamos entender o futebol como um fenômeno

social, que é, ao mesmo tempo, dotado de regras explícitas, as quais indicam as possibilidades de ação durante situações de jogo, e permeado de acordos tácitos implícitos, os quais são embasados em elementos simbólicos constituintes de uma ordem moral característica e específica do universo futebolístico.

Neste sentido, nossa investigação nos revelou que a formação dos atletas tem, além do aprendizado do futebol, suas regras, táticas e técnicas, a função de indicar quais os caminhos que os jovens aspirantes a jogador de futebol seguem no sentido de se inserir no universo moral do futebol. Para tanto, esses garotos que iniciam a carreira de futebolista absorvem elementos simbólicos diversificados, no intuito de constituir uma imagem de si, o *self*, a partir da idealização de performances de jogadores profissionais consagrados, o “outro”. Nesse intento, a construção de uma “fachada” pessoal é fundamental, mas também pode indicar riscos interacionais que inserem os jovens jogadores em situações avessas às suas intenções iniciais, tais como o embaraço interacional.

As diversas situações de interação observadas ao longo do nosso trabalho de pesquisa reforçam a idéia goffmaniana/durkheimiana de que os rituais encerram em uma ordem moral à qual os indivíduos que deles comungam são submetidos. Os riscos interacionais envolvidos são exacerbações da situação de coerção em que os sujeitos se encontram. Para além, tal coerção é evidência da necessidade de adequação dos indivíduos à ordem social, indicando que quando não há adequação ao *modus vivendi*, conseqüentemente o sujeito se encontrará vítima da exclusão do grupo referido.

No caso do futebol, sobretudo o futebol brasileiro, esses elementos simbólicos constituintes da ordem moral são acentuados. Camisas, cores, bandeiras, tatuagens, brincos, são símbolos da paixão clubística e do *ethos* característico da conduta dos jogadores. Mais além, a consagração de craques, geralmente atacantes e meio-campistas, bem como a ocupação e o domínio dos espaços do campo paralelamente ao domínio da técnica futebolística fazem parte da composição deste *ethos*.

Dessa forma, concluímos que a formação dos jogadores implica não apenas no aprendizado e compreensão do jogo em si, mas também dos elementos simbólicos que envolvem a prática do futebol e a socialização no grupo futebolístico, mediante a construção de um *self* com base na idealização de performances de jogadores já consagrados, ao mesmo tempo em que se evitam os riscos interacionais.

## Referências

- ALEXANDER, Jeffrey (2004), "Cultural pragmatics: social performance between ritual and strategy". *Sociological Theory*, 22, 4: 527-573.
- \_\_\_\_\_ & SMITH, Philip (2006), "The strong program in cultural theory: elements of a structural hermeneutics", in J.H. Turner (org.), *Handbook of sociological theory*, Nova York, Springer Science, pp. 135-150.
- BARNES, Barry (1995), *The elements of social theory*. Londres, UCL Press.
- BIRRELL, Susan (1981), "Sports as ritual: interpretations from Durkheim to Goffman". *Social Forces*, 60, 2: 354-376.
- BRANAMAN, Ann (2004), "Goffman's social theory", in C. Lemert (org.), *The Goffman reader*, Oxford, Blackwell, pp. xlv-lxxxii.
- BRAY, Ken (2006), *How to score: science and the beautiful game*. Londres, Granta Books.
- COLLINS, Randall (2004), *Interaction ritual chains*. Princeton, Princeton University Press.
- DAMO, Arlei S. (2007), *Do dom à profissão: a formação de futebolistas no Brasil e na França*. São Paulo. Hucitec.
- DURKHEIM, Émile (1964), *The elementary forms of the religious life*. Londres, George Allen & Unwin.
- \_\_\_\_\_ (1992), *Professional ethics and civic morals*. Londres e Nova York, Routledge.
- \_\_\_\_\_ (2002), *As regras do método sociológico*. São Paulo: Martins Fontes.
- EDGE, Alan (2002), *Faith of our fathers: football as a religion*. Edinburgh e Londres, Mainstream Publishing.
- ELIAS, Norbert & DUNNING, Eric (1995). *Deporte y Ocio en el Proceso de la Civilización*. 2ª ed. México: Fondo de Cultura Económica.
- FREHSE, Fraya (2008), "Erving Goffman, sociólogo do espaço". *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 68, 23: 155-166.
- GASTALDO, Édison (2004), *Erving Goffman, desbravador do cotidiano*. Porto Alegre, Tomo Editorial.
- \_\_\_\_\_ (2008), "Goffman e as relações de poder na vida cotidiana". *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. 68, 23: 149-153.
- GOFFMAN, Erving (1966). *Behavior in public places: notes on the social organization of gatherings*. Nova York, Free Press.
- \_\_\_\_\_ (1967), *Interaction ritual: essays on face-to-face behavior*. Nova York, Anchor Books.
- \_\_\_\_\_ (1971), *Relations in public: microstudies of the public order*. Nova York, Harper Colophon Books.
- \_\_\_\_\_ (1972), *Strategic Interaction*. Nova York, Ballantine.
- \_\_\_\_\_ (1996), *A representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis, Vozes.
- HELAL, Ronaldo (1997), *Passes e impasses: futebol e cultura de massa no Brasil*. Petrópolis: Vozes.
- KING, Anthony (2004), *The structure of social theory*. Londres, Routledge.
- \_\_\_\_\_ (2008), "Os rituais do esporte". *Estudos de Sociologia*, 14, 2: 17-42.
- MARTINS, Carlos Benedito de Campos (2008), "Notas sobre o sentimento de embaraço em Erving Goffman". *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 68, 23: 137-145.
- SIMMEL, Georg (1964), *Conflict*. Nova York, Free Press.
- \_\_\_\_\_ (1971), *On individuality and social forms*. Chicago, University of Chicago Press.

**Resumo**

Este trabalho visa analisar formas de interação face-a-face entre jogadores de categorias de base em um time de futebol pernambucano. Para tanto, partimos de reflexão sobre os rituais de interação e drama com base na obra de Erving Goffman. Nós procuramos mostrar que os garotos que se sujeitam a um processo de seleção visando à profissionalização no esporte tendem a passar por situações de interação social na qual são exigidas deles diversas expectativas. Nesse contexto, muitas vezes, os aspirantes a jogador dramatizam sobre estereótipos de jogadores profissionais. Tal dramatização tem por sentido não apenas o convencimento da platéia, mas também a aceitação harmoniosa do ator na ordem moral estabelecida.

**Palavras-chave:** Futebol, ritual, dramatização, treino, Goffman, Durkheim

**Abstract**

This study aims to examine ways of face-to-face interactions amongst young football players in a football team from Pernambuco. The starting point for our analysis about the rituals of interaction and drama is the work of Erving Goffman. We aim to show that the boys who are subjected to a selection process aimed at becoming professional footballers tend to go through situations of social interaction in which various expectations are required from them. In this context, young players dramatize stereotypes about professional players. This drama has the meaning of not only convincing the audience but also the smooth acceptance of the actor in the established moral order.

**Key word:** Football, ritual, dramatization, coaching, Goffman, Durkheim

Recebido em 12/08/2010 e aprovado em 27/08/2010

